

Kierkegaard: uma antropologia moderna do devir

Jonas Barbosa dos Santos*

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama da vida de Søren Aabye Kierkegaard, considerado como pai do existencialismo, mostrando os acontecimentos marcantes, que em muito influenciaram em seus escritos. Sua forma de ver o mundo possibilitou ao homem uma liberdade de tudo aquilo que é fixado e conceitualizado, visto que o homem, enquanto Indivíduo existencial é muito mais do que um mero conceito que se enquadra em um sistema tendencioso, com a ousadia de engaiolar todas as coisas. Desta forma, percebe-se neste ilustre e solitário personagem um pensamento único e uma postura brilhante em relação às necessidades políticas, sociais e religiosas de sua época. Assim, com base no pensamento kierkegaardiano, presente em seus principais escritos, sobretudo no “Desespero Humano” e no “Temor e Tremor”, desenvolver-se-á neste artigo um breve estudo da concepção de homem e existência nos três estádios: estético, ético e religioso, início de uma nova antropologia e de uma valorização e defesa do “eu” enquanto Indivíduo.

Palavras-chave: Existência. Homem. Estádio Estético. Estádio Ético. Estádio Religioso.

RESUMEN

En este trabajo se presenta un panorama de la vida de Søren Aabye Kierkegaard, considerado cómo el padre del existencialismo, mostrando los acontecimientos mayores, que en mucho influenciarán sus escritos. Su forma de mirar el mundo posibilitó al hombre una libertad de todo que es fijado y conceptualizado, ya que el hombre, cómo Individuo existencial es mucho más que un mero concepto que se encuadra en un sistema tendencioso, con la osadía de engallotar todas las cosas. Así, se percebe en este ilustre y solitario personaje un pensamiento sólo y una posición brillante en relación a las necesidades políticas, sociales y religiosas de su época. Así, con base en el pensamiento kierkegaardiano, presente en sus principales escritos, sobretudo en el “Desespero Humano” y en el “Temor y Tremor”, se hará en este artículo, un breve estudio de la concepción de hombre y existencia en los tres estadios: estético, ético e religioso, inicio de una nova antropología y una valorización y defensa del “yo”, como Individuo.

Palabras clave: Existencia. Hombre. Estadio estético. Estadio ético. Estadio religioso.

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA e Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC Salvador E-mail: jonstos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo proponho a realizar uma análise fundamentada nos escritos de Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) sobre o conceito de homem e existência, mais precisamente na primeira parte da obra “O desespero humano” e no “Temor e Tremor”, tendo como norte alguns comentadores e pensadores posteriores a ele e que de certa forma beberam do pensamento kierkegaardiano, mostrando como tal pensamento fora importante para a construção dos alicerces do existencialismo, já que pela própria perspicácia de suas análises em relação ao homem, enquanto sua situação de vida, sendo assim um marco referencial para “todos os filósofos existencialistas-fenomenólogos contemporâneos”¹.

Falar duma filosofia kierkegaardiana é sem dúvida volver a uma abordagem de sua vida, já que reflexões filosóficas, literárias, teológicas e psicológicas se misturam aos seus dramas pessoais e familiares influenciando ou seus escritos. Dessa maneira todo o seu pensamento é desenvolvido a partir de seu íntimo, de suas vivências e experiências, tendo como mestre a figura de Sócrates do qual se deixou influenciar com a ironia, considerando-o o precursor de uma filosofia da existência.

Claro que as histórias pessoais somente por si, nos impossibilitariam de analisar fielmente o pensamento de qualquer pensador. Para tanto deveríamos realizar um aprofundamento metuculoso de seus escritos. No entanto, é sabida a importância de uma análise contextual de sua realidade ou de alguns acontecimentos marcantes de sua vida e época para assim tentar enxergar os mesmos questionamentos inquietantes, neste caso, a noção de homem e desespero, com as lentes kierkegaardianas.

CONTEXTO HISTÓRICO

A época em que Kierkegaard viveu fora um período difícil. A Dinamarca sofria graves crises políticas e militares, visto as grandes guerras napoleônicas, sem falar numa desvirtualização do verdadeiro sentido original do cristianismo, ocorrendo

¹ GILES, Thomas Ranson. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2003. 2ª. Reimpressão. p. 5

uma descristianização do mundo, fato este que será duramente criticado por Søren em seus escritos.

Assim sendo, somente na idade madura de Søren, a Dinamarca pode se recuperar das causas e marcas deixadas pelos conflitos, fato devido a políticas liberais que aboliram o regime medieval de servidão que prevalecia até então naquela região, bem como uma destituição de uma monarquia absolutista o qual possibilitou ao país transformar-se em um país industrializado e não somente agrícola.

Kierkegaard é também contemporâneo de vários pensadores e personagens célebres tais como Hegel, Marx, Engels, Balzac, Schelling, Poe, Feuerbach, Proudhon, John Stuart Mill, Fichte, Dickens entre outros; também “assiste” aos nascimentos de August Rodin (1840), Paul Gauguin (1848), Maupassant (1850), Vicent Van Gogh (1853) e Rimbaud (1854). No entanto, nenhum pensador será tão criticado quanto Hegel. Para Kierkegaard, o sistema de Hegel é “ridículo”. Para o dinamarquês, Hegel pretendia enxergar as coisas com os olhos de Deus e “engaiolar” tudo em seu sistema e, no entanto esquece-se do Indivíduo, isto é, da existência.

UMA BREVE VIDA

Esta vida alimenta sua obra, e isto não nos permite fazer cortes em sua imensa mola, para dela isolar o aspecto propriamente filosófico negligenciando o resto. Seria não somente uma infidelidade imperdoável à pessoa que fala através da obra, a pessoa que se descobre no Diário íntimo, tesouro inesgotável de reflexões e meditações, de facetas do espírito e orações, onde a sátira e o anedótico vivem lado a lado com a elevação mística ou a meditação filosófica.²

Søren Aabye Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, sendo considerado, segundo ele mesmo, o filho da velhice, pois era o sétimo e último filho e seu pai, camponês profundamente religioso, tinha 56 anos e sua mãe, antiga empregada da

² FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 23

família, 44 anos. Cinco de seus irmãos morreram antes dele. Somente Peter lhe sobreviveu, o qual havia tornado-se bispo luterano.

Toda a história de Kierkegaard é uma história de discordância em busca da graça, isto é, da unificação do “eu”. Em 1848, escreve em seu diário:

Minha vida começou por uma terrível melancolia, foi perturbada desde minha primeira infância em sua base mais profunda – uma melancolia que durante algum tempo me precipitou no pecado e na devassidão e, no entanto, humanamente falando era quase mais insensata que culpada (FARAGO, 2006, p.26)

Era, pois um homem forte em aparência, cheio de vida e alegrias com os que viviam com eles. No entanto, por dentro de sua alma existia uma criança a chorar. Carregava sobre si o peso das angústias e pecados do pai, confessados a ele quanto completara vinte e cinco anos.

Søren que viveu numa grande cidade, Copenhague, assemelhará seu pensamento ao de Sócrates, dialogador das praças do mercado. Também acrescentará os benefícios da vida de fé, bem como toda a dureza de um cristianismo feito de conflitos, angústia e desespero, ou seja, como uma fé sem sentido.

No que diz respeito a esta vida, os cristãos nos vêm declarar que tudo é pecado, tanto o homem como a natureza... E quanto ao outro mundo, só lá, segundo o que ensinam, é que nos espera a verdadeira solução (V ato) [...]. Quase em toda a parte onde o cristão se ocupa com o futuro, só há castigo, destruição ou ruína, suplícios e tormentos eternos, que o perseguem: e quanto mais abunda e vagueia a esse respeito a sua imaginação, tanto mais pobre é ela no que toca à beatitude dos crentes e dos eleitos que se descreve como uma hipnose feliz de olhos apagados e fixos, com um olhar tão afogado em umidade que perde com isso toda clareza de visão. Nada de uma vigorosa vida espiritual; a contemplação direta de Deus, todo o entendimento superior em contraste com a nossa pobre vista aqui de baixo em seu espelho terrestre e seus discursos obscuros, nada disso os inquietou (Diário, I, p.64) (FARAGO, 2006, p.30-31)

Com base numa formação humano-afetiva marcada pela tradição pietista protestante de sua família³, Søren desenvolve em muitos de seus escritos uma filosofia marcada pelo desvelamento crítico sobre a descristianização e institucionalismo, ou seja, do puro “convencionalismo e formalismo”⁴ do qual tomava chão no solo da fé cristã, sobretudo, na realidade da Igreja Luterana da Dinamarca. Tal fato o levou a tentar conciliar fé e razão e a criticar o sistema hegeliano presente, sobretudo, no pensamento de muitos clérigos e pessoas influentes da Igreja.

O sucesso econômico de seu pai possibilitou o aprofundamento dos estudos de Kierkegaard, que não precisou preocupar-se com atividades trabalhistas. Estudou, primeiramente, Teologia, que por determinado tempo o incitou a ser pastor, entretanto, no final do curso, opta por não seguir a carreira e interessa-se pela Filosofia, escrevendo em 1841 seu primeiro escrito acadêmico-filosófico intitulado por “O conceito de ironia – constantemente referido a Sócrates”.

Em concomitância com tal fato acontece o rompimento do noivado com Regina Olsen, fato que influenciou no jovem dinamarquês uma inspiração para implementar seus pensamentos vivenciais, estimulando-o a tornar-se um autor pensante e dedicando a ela (Regina) algumas de suas obras. Kierkegaard, rompendo com Regina optou pelo compromisso radical com a transcendência, descobrindo a necessidade da solidão e do distanciamento mundano. No entanto, foi um eterno amante de sua antiga noiva, escrevendo depois em seu Diário: “Se eu tivesse tido a fé, não teria deixado Regina” (Diário, t I, p. 280 A fé é paixão e sentido do devir *in* FARAGO, 2006, p. 50).

Em toda a sua obra podemos perceber uma analogia de sua filosofia com a de Sócrates, pois da mesma forma que Sócrates criticava os detentores do saber, Kierkegaard critica a maneira com que o cristianismo de seu tempo atuava, visto que o relacionamento deteriorante que o poder do Estado dava a fé cristã e a seus governantes, funcionários contratados pelo Estado, apontando o que diferenciava o cristianismo do socratismo em suas marcas e características próprias, pois a filosofia não pode nem deve formar a fé, haja vista que a sua missão consiste em entender-se a si mesma, conhecer aquilo que ela própria oferece (GILES, 2000).

³ Não quero aqui afirmar que Kierkegaard fosse de cunho pietista.

⁴ MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**: os filósofos do Ocidente. Vol. 3. 7ª. Edição. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2000. p. 68

O INÍCIO DE UMA NOVA ANTROPOLOGIA

Kierkegaard faz uma formalização da problemática do devir-sujeito, ressaltando que esta é a tarefa mais concreta que possa existir.

O devir real do sujeito está sempre já comprometido pela doação primeira da vida que se resgata na tomada de consciência do próprio ser finito, esforçando-se para encontrar a fonte e o enigma dessa vida que se põe a partir daí em reflexão, reflexividade que é, ela mesma, um modo de realização, um modo desse devir-real ligado à diferença do eu para seu ser. (FARAGO, 2006, p. 74)

A existência é algo que jamais poderá ser conceituado é a raiz a partir do qual cada Indivíduo experimenta, pensa e age. A existência é o reino do devir, do contingente, isto é, da história. Em outras palavras o ser humano é um ser de possibilidades, pois é ele que escolhe o que quer ser e como quer ser e o que se tornará dependerá unicamente dele.

A existência corresponde à realidade singular, ao Indivíduo (o que Aristóteles já ensinou): ela permanece de fora e de qualquer forma não coincide com o conceito (...) Um homem singular certamente não tem existência conceitual.⁵

A existência é liberdade, é um poder-ser, um devir, contingência, mutabilidade que garante ao homem, como já vimos anteriormente, escolher o que quer ser e como quer ser. No entanto, mesmo que o homem se desenvolva com liberdade, não cria a si mesmo a partir do nada, deve se “desanimalizar”, isto é, realizar a pessoa concreta, devendo chegar ao espírito e a faculdade de síntese reflexiva. O ser humano é uma síntese de alma e corpo que devem se unir a um terceiro, o espírito. “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo uma síntese”⁶. No entanto, tal ato de liberdade nos

⁵ REALE, Giovanni; ANTIDERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo ao empiriocriticismo. Trad. de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5, (Coleção História da Filosofia) Ibid, p. 241

⁶ KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 19

leva a angústia que é o puro sentimento do possível, é o sentido daquilo que pode acontecer e que pode ser muito mais terrível do que a realidade.

O homem não pode criar ou pensar num sistema que “engaiole” toda a realidade, pois a nossa existência não é algo pronto e acabado que se deixe enquadrar num conceito perfeito que explique tudo e demonstre a necessidade de todo acontecimento e o alvo de suas críticas é sem dúvida Hegel.

Antes de Hegel, (...) houve filósofos que tentaram explicar a história. E a Providência só podia sorrir ao ver essas tentativas. Mas não se entregou ao riso desenfreado, porque neles havia sinceridade humana e honestidade. Mas Hegel! Aqui, necessito da linguagem de Homero. A que explosão de risos não devem ter-se entregado os deuses! Um professorzinho tão sem graça, que pretende simplesmente ter descoberto a necessidade de toda coisa (...) e ei-lo agora dedicado a tocar a sua música no seu *organum*-zinho: escuta, portanto, ó deuses do Olimpo! (REALE, ANTIDERI, 2005, p. 246)

Hegel que pretendia analisar tudo com os olhos divinos, regulando o sujeito a leis universais e necessárias, cai no ridículo, pois esquece de levar em conta em seu sistema a existência, isto é, do baluarte da transcendência, o Indivíduo.

O Indivíduo é energia viva, ativa, autodeterminante, que surge a partir de situações concretas de opção, situações essas enraizadas nos momentos em que o homem focaliza todas as suas potencialidades numa opção que ressoará por toda sua vida. Essa opção, que torna o simples Indivíduo um Indivíduo existencial, constitui a tarefa suprema do ser humano, pois trata-se de uma missão dirigida a cada homem, e é a possibilidade de todos. (GILES, 2003, p. 7)

Segundo Kierkegaard, o homem tem a existência como seu modo de ser, permanecendo em contínuo devir. Desta forma, não é perfeito, acabado, mas está em construção, isto é, em fase de feitura, de aperfeiçoamento e ele mesmo é esse ser construtor de si mesmo.

No devir do homem podemos identificar três estádios⁷: o estético, no qual o homem abandona-se à imediatidade da vida e das coisas, o ético, no qual o homem

⁷ Utilizo aqui a palavra “estádio” com base em GILES e MONDIN, no entanto, poder-se-ia ser utilizado a palavra “esfera” (PAULA) ou “estagio” (MORA), ambas significando modos de vida.

submete à lei moral e o religioso, onde o homem abraçando a eternidade deixa-se dirigir pelo amor, para além do bem e do mal. Tais estádios que o Indivíduo existencial deve escolher, visto que não é simplesmente aceitar ou rejeitar uma teoria, mas em ser pró ou contra uma forma de existência.

O estádio estético é o estádio em que tudo é passageiro e momentâneo, não conhecendo outro prazer senão gozar e aproveitar o momento que se esvai abraçando o efêmero e o transitório, esquivando-se da consciência é, pois, uma reflexão sobre a irreflexão, a vontade que se faz no imediato, a vontade infeliz. É neste estádio que se encontra o desespero que não vem de fora do mundo exterior, mas do próprio interior do indivíduo. O ato de desesperar-se é muito mais do que um fenômeno social, é também uma questão emocional, que nos leva ao fracasso ou ao triunfo.

De acordo com o próprio Kierkegaard (2005, p.27)

Não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si mesmo. [...] Já que, a menos de o ser integralmente, nele subsiste sempre um mínimo de desespero.

No estádio ético o Indivíduo vive regulado por normas e leis, isto é, o Indivíduo ético é aquele que cumpre seus compromissos com honestidade. Em outras palavras, poderíamos dizer que o ético é aquele que superou o estádio estético em sua juventude e agora constitui uma família, sendo o casamento um risco necessário para a vida ética. O homem deverá usar de toda sua força, com a ajuda de Deus, para manter a vida conjugal, já que a mulher encontra-se, naturalmente, no estádio estético, revelando-se somente no estádio religioso.

No estádio religioso a função estética e as regras ou leis éticas não mais importam, visto que a fé nos impõe obrigações que podem entrar em conflito com a lei; por exemplo, o sacrifício de Isaac, ordenado por Deus, entra em conflito com a lei de não matar. Neste estádio há a realização da presença da eternidade no templo, a plenitude da encarnação. É o estádio da vocação cristã, propriamente dita (MONDIN, 2000).

Eis o motivo pelo qual minha voz se elevará no júbilo, mais forte que a voz da mulher que deu à luz, mais forte que o grito de alegria dos anjos por um pecador que se arrepende, mais alegre que o canto dos pássaros ao raiar do dia: pois o que eu procurei, achei; e mesmo que os homens me arrebatassem tudo, mesmo que me excluíssem de sua sociedade, eu conservaria mesmo assim esta alegria; ainda que me tomassem tudo de volta, conservaria sempre a melhor parte, o espanto repleto de felicidade que nos trazem o amor infinito de Deus e a sabedoria dos seus desígnios (FARAGO, 2006, p. 126-127)

Haveria ainda dois outros vértices: a ironia, situada entre a estética e a ética, e o humor, situado entre a ética e a religião. Para Søren, a fé cristã é a verdade revelada por parte de Deus e não dos homens, isto é, o homem deve ter a coragem de se colocar diante de Deus, sendo assim entregue às graças de Deus sem fingimentos, disfarces e ilusão.

Para nadar, é preciso ficar nu; para aspirar à verdade, é preciso ficar nu em sentido muito mais íntimo, é preciso desfazer-se de vestimentas muito mais interiores de pensamentos, de idéias, do egoísmo e de coisas similares, antes de poder ficar nu o quanto é necessário (REALE, ANTIDERI, 2005, p. 245).

Para tanto a fé cristã deveria ser uma escolha clara e madura de uma opção existencial feita pelo Indivíduo, com base numa ética do amor que seja efetivamente praticável e que seja acrescida de uma vivência mais profunda do verdadeiro cristianismo, uma vivência e certeza da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Kierkegaard existir é o que há de mais profundo no homem, fato que deu o legado de “Pai do Existencialismo” ao dinamarquês. Sua intenção é nos relatar uma filosofia como expressão de vivências que se originem de dentro de cada indivíduo, possibilitando um novo olhar sobre a realidade de cada ser, já que ambos constituem o ápice da nossa realidade existencial.

Uma coisa marcante e interessante que descobrimos ao analisar as obras de Kierkegaard é que seus traços e estratégias de escrita unem, por diversas vezes, filosofia, psicologia, religião e literatura, além de vários pseudônimos e outros

recursos deixando-nos parecer, a primeiro momento, verdadeiros “labirintos” para os que se atrevem a analisar seus textos sem “um fio de Ariadne” para guiá-los. No entanto, tais características são comuns aos pensadores pós-hegelianos.

Enfim, o pensamento kierkegaardiano é um estudo profundo, impiedoso e por vezes cruel da conquista do “eu” em sua individualidade.

REFERÊNCIAS

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006. 260 p.

GILES, Thomas Ranson. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2003. 2ª. Reimpressão.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**. Trad. de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005. 136 p.

_____. **Temor e Tremor**. Trad. de Maria José Marinho. Introd. Alberto Ferreira. 3 ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1998. 165 p.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: os filósofos do Ocidente**. Vol. 3. 7ª. Edição. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2000. 294 p.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia: Tomo III (K-P)**. Trad. Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2001.

PAULA, Marcio Gimenes de. Turbilhão na Cabeça: Reflexões filosóficas, literárias , psicológicas e religiosas se misturam a dramas pessoais na obra do dinamarquês Kierkegaard. **Revista Discutindo Filosofia**. São Paulo, ano 01, n. 02, p. 18-21. Mensal. ISSN 1008-8961-02.

REALE, Giovanni; ANTIDERI, Dario. **História da Filosofia: do Romantismo ao empiriocriticismo**. Trad. de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. v. 5, (Coleção História da Filosofia)